



## PEPETELA E A HISTÓRIA ANGOLANA NA LONGA DURAÇÃO: A RELEITURA DO PASSADO DIANTE DO CORPO-PRESENTE<sup>1</sup>

*PEPETELA AND THE ANGOLAN HISTORY IN THE LONG TERM: RE-READING THE PAST BEFORE THE PRESENT BODY*

*PEPETELA Y LA HISTORIA DE ANGOLA A LARGO PLAZO: RELEER EL PASADO ANTE EL CUERPO-PRESENTE*

Roberta Guimarães Franco<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo propõe uma leitura de publicações de Pepetela que reencenam o distante passado colonial – *Lueji, o nascimento de um império* (1989); *A gloriosa família: o tempo dos flamengos* (1997); e *A sul. O sombreiro* (2011). Com uma vasta obra, os romances de Pepetela transitam entre enfrentar o presente e visitar um passado distante, não para reescrever uma versão da História, mas para propor formas de leitura da nação, desde a sua formação – do colonialismo à independência – até a contemporaneidade. Trata-se aqui de pensar estas obras sobre o passado colonial distante como desvios diante de uma produção majoritariamente voltada para o presente, como *Mayombe* (1979), *A geração da utopia* (1992), *Predadores* (2005) e o mais recentes *Sua excelência, de corpo presente* (2018), Pepetela se dedicou a pensar a nação a partir de um mergulho profundo no seu passado, realizando outra leitura sobre a construção de Angola sem apresentar uma mera culpabilização dos colonizadores, mas repensando os agentes de movimentos e ações que parecem bastante presentes na classe dirigente atual. Portanto, o conceito de “longa duração” de Fernand Braudel é utilizado para refletir sobre o diálogo proposto por Pepetela com fontes documentais do período colonial não apenas para recriá-las em um sentido paródico, mas como forma de pensar a nação como resultado de um longo processo que não pode ser anulado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pepetela, longa duração, fontes documentais.

---

1 Este texto é resultado de reflexões desenvolvidas no projeto “Poder e silêncio(s): a pós-colonialidade entre o discurso oficial e a criação ficcional”, financiado pela FAPEMIG, finalizado em 2021. Parte das discussões aqui levantadas foram apresentadas no XIII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas e no 64th African Studies Association Annual Meeting, ambos realizados em 2021.

2 Professora Adjunta da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: [robertagf@uol.com.br](mailto:robertagf@uol.com.br)



**ABSTRACT**

*This article proposes a reading of Pepetela's works, especially of the novels that reenact the distant colonial past – Lueji, o nascimento de um império (1989); A gloriosa família: o tempo dos flamengos (1997); A sul. O sombreiro (2011). With a large body of work, Pepetela's novels move between facing the present and visiting a distant past, not to rewrite a version of History, but to propose forms of reading the nation, since its formation – from colonialism to the independence – to the contemporary times. Thus, among works such as Mayombe (1979), A geração da utopia (1992), Predadores (2005) and the most recent Sua Excelência, de corpo presente (2018), Pepetela dedicated himself to thinking about the nation from a deep dive into its past, proposing another reading on the construction of Angola that does not present a mere blaming of the colonizers, but rethinks the agents of movements and actions that seem to be quite present in the current ruling class. Therefore, Fernand Braudel's concept of "long duration" is used to think about the dialogue proposed by Pepetela with documentary sources from the colonial period not only to recreate them in a parodic sense, but as a way of thinking about the nation as a result of a long process that cannot be undone.*

**KEYWORDS:** *Pepetela, long duration, documentary sources.*

**RESUMEN**

*Este artículo propone una lectura de la obra de Pepetela, en especial de las novelas que recrean el lejano pasado colonial. Lueji, o nascimento de um império (1990); A gloriosa família: o tempo dos flamengos (1997); A sul. O sombreiro (2011). Con una vasta obra, las novelas de Pepetela transitan entre enfrentar el presente y visitar un pasado lejano, no para reescribir una versión de la Historia, sino para proponer formas de leer la nación, desde su formación –del colonialismo a la independencia– hasta el tiempo contemporáneo. El objetivo aquí es pensar estas obras sobre el pasado lejano colonial como desviaciones de una producción mayoritariamente centrada en el presente. Así, entre obras como Mayombe (1979), A geração da utopia (1992), Predadores (2005) y la más reciente Sua excelência, de corpo presente (2018), Pepetela se dedicó a pensar la nación desde una inmersión profunda en su pasado, proponiendo otra lectura sobre la construcción de Angola que no presente una mera culpabilización de los colonizadores, pero replantea los agentes de movimientos y acciones que parecen estar bastante presentes en la clase dominante actual. Por tanto, se utiliza el concepto de "larga duración" de Fernand Braudel para pensar el diálogo propuesto por Pepetela con fuentes documentales de la época colonial no sólo para recrearlas en un sentido paródico, sino como una forma de pensar la nación como resultado de un largo proceso que no se puede deshacer.*

**PALABRAS-CLAVE:** *Pepetela; larga duración; fuentes documentales.*

*"O tempo curto é a mais caprichosa, a mais enganadora das durações."*

(Fernand Braudel)

Disputas pelas narrativas sobre o passado não são um tema novo, especialmente quando abordamos histórias de nações recentemente formadas e que passaram pelos mais variados silenciamentos de um longo período colonial, como é o caso das nações africanas de língua

portuguesa. Se em um primeiro momento, e principalmente por meio da literatura<sup>3</sup>, era necessário contrapor os discursos criados pela lógica colonial e realimentados pelos discursos do Estado Novo português, durante a luta pela independência era urgente a construção de uma unidade (mesmo que discursiva) capaz de organizar uma resistência e uma ideia de nação. No momento pós-independência, fragmentado pelas cisões internas, não vemos, portanto, a homogeneização de perspectivas, quer sobre o presente agora livre da presença do colonizador, quer sobre as formas de abordar o passado, recente ou distante.

Portanto, as independências não significam um momento de estabilização das narrativas, mas um novo contexto para disputas, escolhas sobre qual passado deve ser contado, quais personagens lembrados, ou seja, as peças mudam, mas o jogo discursivo que envolve narrar a nação não é assim tão distinto. Como afirma Stuart Hall sobre um dos exemplos de narrativa da cultura nacional, baseado no mito fundacional:

[...] uma estória que localiza a origem da nação, do povo e de seu caráter nacional num passado tão distante que eles se perdem nas brumas do tempo, não do tempo “real”, mas de um tempo “mítico”. Tradições inventadas tornam as confusões e os desastres da história inteligíveis, transformando a desordem em “comunidade” [...] e desastres em triunfos [...]. Mitos de origem também ajudam povos desprivilegiados a “conceberem e expressarem seu ressentimento e sua satisfação em termos inteligíveis” (Hobsbawm e Ranger, 1983, p. 1). Eles fornecem uma narrativa através da qual uma história alternativa ou uma contranarrativa, que precede às rupturas da colonização, pode ser construída [...]. Novas nações são, então, fundadas sobre esses mitos. (Digo “mitos” por que, como foi o caso com muitas nações africanas que emergiram depois da descolonização, o que precedeu à colonização não foi “uma única nação, um único povo”, mas muitas culturas e sociedades tribais diferentes). (HALL, 2006, p. 54-55)

Desse modo, é necessário destacar que as narrativas construídas no pós-independência também atendem a determinados interesses e precisam ser analisadas e problematizadas, com o afastamento necessário da dinâmica colonial e da dicotomia colonizado x colonizador. Nos casos angolano e moçambicano, por exemplo, precisamos questionar a preponderância do MPLA e da FRELIMO, respectivamente, tendo em vista que são os movimentos que assumem a condução das nações independentes. Os silêncios sobre o 27 de maio de 1977 em Angola ou sobre os campos de reeducação em Moçambique são exemplos evidentes de como narrativas são construídas, elegendo heróis, suprimindo episódios controversos. No mínimo, é preciso questionar a falta de acesso, até mesmo no sentido editorial, às versões da UNITA e da RENAMO, por exemplo.

---

3 De forma simples e objetiva, basta ver a distinção que Manuel Ferreira faz entre “literatura colonial” e “literaturas africanas de expressão portuguesa” (1977). Ou de forma mais aprofundada, as reflexões de Francisco Noa em *Império, mito e miopia: Moçambique como invenção literária* (2002), mais especificamente no capítulo “Literatura colonial: enquadramento teórico e periodológico”.

Estas questões não afetam somente o campo político, atingem também à educação, às manifestações artísticas, às áreas que compõem o que costumamos chamar de Humanidades, incluindo aqui de forma mais específica a História e a Literatura. Como vimos na citação de Hall, uma das formas possíveis para pensar a narrativa nacional é retornar aos mitos de origem, um modo de demonstrar os silenciamentos impostos ao longo do tempo, especialmente quando falamos do embate entre culturas ágrafas e a escrita. Qual história contar e a partir de quando? Pergunta que também afeta diretamente os estudos literários.

Ana Paula Tavares e José Luandino Vieira, em *Leindo Angola* (2008), problematizam a questão sobre o início da literatura angolana. Enquanto Luandino fala sobre a existência de buracos negros, escritores e obras que desapareceram (não são reeditados, não são mais objeto de pesquisas), e defende que a literatura deve ser pensada a partir do primeiro texto escrito, independentemente de quem o escreveu e do seu conteúdo (2008, p. 32), Ana Paula Tavares, equilibrando a sua fala entre a poeta e a historiadora, aponta para o problema de pensarmos o passado de uma forma organizada, linear, e assim como Luandino, questiona a exclusão de textos sob a justificativa de que trariam um olhar externo sobre o país:

[...] este passado realmente não é esse mar manso e arrumado, com uma data de nascimento, inclusive com certificado de baptismo, que foi passado à poesia angolana. O problema é que, como há várias hipóteses de certificado de nascimento, a discussão também põe as várias hipóteses: então, afinal é mil oitocentos e quarenta e tal, quando o José da Silva Maia Ferreira publicou *Esportaneidades da Minha Alma. Às Senhoras Africanas*, que é o certificado de nascimento? Ou há o antes, muito antes? Começa com o Cadornega, o homem da *História Geral das Guerras Angolanas*? E que muitos angolanos, ainda hoje, dizem: “Não, não: mas isso é um olhar de fora, para dentro”. Eu quero dizer-vos que Cadornega chegou a Angola com 17 anos, em 1639, e nessa altura ninguém olha de fora para dentro – aprende a olhar no lugar onde se insere, e sobretudo aprende a olhar pelos olhos dos angolanos, que ele chamava os seus “antigoalhas ou negros noticiosos” (Cadornega, 1972, vol. I: 25). Enfim! (TAVARES, 2008, p. 39- 40, grifos nossos)

Diante dessas questões, e durante o desenvolvimento do projeto “Poder e silêncio(s): a pós-colonialidade entre o discurso oficial e a criação ficcional”, o diálogo da literatura contemporânea com episódios e personagens do passado colonial distante, mais especificamente no caso angolano, levou a indagar o que chamamos de “desvios” no projeto literário do escritor angolano Pepetela. Diante de uma produção majoritariamente voltada para a história do presente, desde *As aventuras de Ngunga, Mayombe*, até *A geração da utopia* e *Predadores*, só para citar alguns exemplos pontuais, alguns romances chamam a atenção por reencenarem um passado colonial distante<sup>4</sup> e particularmente por trazerem, de formas variadas, um diálogo

4 Aqui chamamos de passado colonial distante para diferenciar do recorte que envolve especialmente os séculos XIX e XX.

intertextual com fontes documentais. Como já salientou Rita Chaves: “Pepetela não hesita em seguir variados caminhos: recorre a mitos, vai às fontes da História, subverte-as; reinventa o passado; e critica, satírica ou acidamente, o presente” (2005, p. 87).

Mesmo herdeiro de um percurso literário que prospectava o futuro, como é parte da literatura angolana pré-independência, a escrita de Pepetela já em *As aventuras de Ngunga* parecia demonstrar um comprometimento com o presente, mais do que um desejo de futuro. Talvez por este motivo, a questão distópica já povoasse as suas primeiras obras, mesmo antes das fraturas do pós-independência, como fica evidente nas falas do menino que quer ser guerrilheiro, especialmente sobre o presidente Kafuxi, ou nos embates entre os narradores de *Mayombe*. Portanto, entendemos o projeto literário de Pepetela a partir das considerações de Agamben sobre o que é o contemporâneo:

A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela. (AGAMBEN, 2009, p. 59)

A relação que o escritor estabelece com o próprio tempo é capaz de encará-lo e “filtrar” aquilo que faz parte de um discurso sobre o que se deseja construir, problematizando as heranças do período colonial e também refletindo sobre as responsabilidades atuais. Nesse sentido, Pepetela também assume em seu projeto literário o lugar de mediador entre as tradições locais, sem deixar de questioná-las, e o seu atravessado pela cultura imposta pela colonização. O olhar contemporâneo de Pepetela, nesta perspectiva, é perceptível, por exemplo, em entrevista a António Loja Neves, quando comenta sobre a composição do romance *Lueji*, quando afirma que existem várias versões sobre o império Lunda e que seu romance: “No fundo é uma nova versão, a do Pepetela, a minha posição como homem deste final de século, com um determinado posicionamento na vida, ao encarar a formação do império, como eu gostaria que tivesse sido” (NEVES, 1990, p. 85).

Nesse sentido, os “desvios” escolhidos para este texto – *Lueji* (1989), *A gloriosa família* (1997) e *A sul. O sombreiro* (2011) – são assim considerados apenas por ambientarem suas narrativas no século XVII<sup>5</sup> e terem sido publicados entre outros romances voltados para o presente ou sem referência temporal explícita. *Lueji*, publicado entre *Yaka* e *A geração da utopia*; *A gloriosa família* entre *A montanha da água lilás* e *A parábola do cágado velho*; *A sul. O sombreiro* entre *O planalto e a estepe* e *O tímido e as mulheres*. Esse fato, e um simples olhar

5 No caso de *Lueji* sem especificação direta, já que a referência é “Quatro séculos atrás (pelo menos)” (PEPETELA, 2003, p. 9).

sobre a produção total de Pepetela, confirma um projeto contemporâneo que inclui narrativas sobre o passado como forma de pensar a nação antes mesmo de pensar Angola como Estado.

É dessa forma que pensamos os chamados desvios a partir das reflexões de Fernand Braudel e seu conceito “la longue durée” (a longa duração), ao contrapor a história tradicional “atenta ao tempo breve, ao indivíduo, ao acontecimento, [que] habituou-nos, há muito, a seu relato precipitado, dramático, de fôlego curto” (BRAUDEL, 1965, p. 263) à nova perspectiva adotada pela história econômica e social que ao lado do relato tradicional evoca uma “conjuntura que focaliza o passado em largos períodos: dez, vinte ou cinquenta anos [...]. Muito para além deste longo recitativo, situa-se uma história de fôlego ainda mais lento, desta vez de amplitude secular: a história de longa, de muito longa duração” (BRAUDEL, 1965, p. 263-264). Portanto, para Pepetela, o presente não basta, não é suficiente para responder os contornos da atualidade, é preciso recuar e não apenas ao início do século XX, quando a colonização é intensificada, ou mesmo ao século XIX. Pepetela efetivamente adota a perspectiva de longa duração, identificando dinâmicas, práticas, estruturas atuais ao passado colonial de pelo menos 3 ou 4 séculos.

Em *Lueji*, por meio de duas histórias entrelaçadas, o autor estabelece um diálogo com 4 séculos de distância. A primeira narrativa decorre há cerca de 400 anos - “Quatro séculos atrás (pelo menos)...” (PEPETELA, 2003, p. 9) - e conta a história de como Lueji, que vive na terra da Lunda, assume o poder após a morte do pai. Na segunda, 400 anos depois, - “Quatro séculos depois (amanhã)...” (2003, p. 26) –, uma companhia de dança recria o conto de Lueji com Lu, outra personagem, como bailarina principal. *A gloriosa família* reencena o chamado período holandês em Angola, de 1641 a 1648. O ponto de partida são os Van Dum, uma família mestiça, cujo patriarca é Baltazar Van Dum. Um escravo mudo e sem nome é o responsável pela narrativa e o leitor pode ver muito mais sobre a vida em Luanda - política, cultural, econômica - por meio de uma certa onipresença, já que sua condição parece permitir um trânsito por espaços e situações, tendo em vista que não seria propriamente uma ameaça. Em *A sul. O sombreiro*, romance situado na transição entre os séculos XVI e XVII, compreendendo, portanto, o período filipino, diferentemente do que vemos em *A gloriosa família*, onde um narrador conduz o leitor, encontramos múltiplas vozes e várias perspectivas: o padre católico Simão de Oliveira; Manuel Cerveira Pereira, conquistador de Benguela; Carlos Rocha, que viaja de Luanda a Benguela para encontrar o túmulo de Diogo Cão; Betwell, o viajante inglês...

Os três romances usam referências documentais e historiográficas que, no entanto, são apresentadas de maneiras distintas para o leitor. Em *Lueji*, as referências aparecem no interior da narrativa, enquanto Lu pesquisa e lê para construir sua performance de dança, elas são anunciadas pelo narrador, evidenciado também que o conhecimento que Lu tinha sobre a Lunda e sobre Lueji era por meio da leitura:

[...] de Vansina, Henrique de Carvalho, Bastin, Redinha, Calder Miller e outros, versões contraditórias todas elas e mais as versões que imaginava poderem existir, e lia os apontamentos para citar os autores e também as versões dela, os personagens fictícios mas tão importantes quanto os conhecidos, pois faziam ligações lógicas e davam vida aos factos enterrados no esquecimento do tempo, talvez incômodos para os narradores da tradição oral e por isso apagados da História em momentos diferentes de afirmações de poderes, mas que ela fazia renascer para que o mito tivesse corpo e não apenas esqueleto [...]. (Pepetela, 2003, p. 212)

O diálogo entre os dois tempos mostra a ascensão de Lueji na sucessão de seu pai, suas inseguranças e questionamentos da tradição, e as dificuldades de Lu para criar o espetáculo de dança baseado no reino Lunda, sendo necessária a intensa pesquisa para desviar, por exemplo, da perspectiva do coreógrafo tcheco. Nas entrelinhas dos dois planos narrativos, encontram-se dois espaços atravessados pelas disputas. O reino Lunda passa a ser chefiada por uma mulher e não pelo filho mais velho de Kondi que, mesmo antes de morrer, deixa claro o destino do seu povo e da sua filha, prezando pela manutenção das tradições, a que via em risco caso o filho assumisse o seu lugar: “Lueji não, ela vai conservar as belas tradições dos Tubungo, será a voz e a vontade deles, não vai inventar caminhos novos só por estar cansada da rotina de ir sempre buscar água ao rio pelo mesmo trilho” (2003, p. 27). Já a Luanda de 400 anos depois – é importante destacar a palavra “(amanhã)” como um prolongamento do recorte contemporâneo – também é marcada pela discussão sobre a tradição e mais especificamente sobre “o nacional”: “Por que essa falta de confiança no talento nacional? Não precisamos de estrangeiro nenhum para mostrar isso” (2003, p. 318).

Por outro lado, e voltando ao uso das fontes, o narrador logo no início do romance, ao problematizar as muitas versões existentes sobre o império Lunda, destaca o que chama de “angústias do tempo presente” (2003, p. 28), ao identificar a hibridez formada pela tradição oral bantu e pelas referências da escrita ocidental, formando um mundo “cada vez mais mestiço” (2003, p. 28), onde as versões vão ganhando contorno de verdade, já que “[n]uma terra de muitas verdades, esta é tão verdadeira como as outras” (2003, p. 78). A perspectiva sobre o potencial das versões só corrobora a importância da consulta a várias fontes, como faz Lu para construir o seu bailado, lê, confronta, compara, descarta, até moldar o que é seu.

Em *A gloriosa família* a referência é anunciada no prólogo, constituído unicamente por uma citação direta do livro *História geral das guerras angolanas*, de Cadornega, do qual o personagem central do romance, Baltazar Van Dum, “Flamengo de Nação, mas de ânimo Português” (1999, p. 9) é tirado. No primeiro tomo da *História geral*, Cadornega dá bastante destaque ao governador Pedro César de Menezes, focando no período da invasão holandesa e na fuga dos portugueses para o interior e posterior prisão e fuga do governador. O romance de Pepetela, por sua vez, começa “pelo que seria o acontecimento das páginas 334 e 335 do livro

de Cadornega, nas quais aparece pela primeira vez o nome de Baltazar Van Dum, e seu primeiro capítulo tem a data de fevereiro de 1642, logo, seis meses após os holandeses terem invadido Luanda” (FRANCO, 2008, p. 1477).

Se Baltazar não tem grande projeção na obra de Cadornega, sua recriação como personagem ficcional – “um holandês católico, que vive em Luanda desde 1616, casa com uma negra, D. Inocência, com quem tinha onze filhos (oito vivos e três mortos) [...] Baltazar é um sujeito híbrido (descrição que também poderia servir ao próprio Cadornega)” (FRANCO, 2011, p. 200) – é o ponto de partida para a constituição de uma família mestiça e para o desvelamento do nebuloso período holandês em Angola. Além disso, Cadornega é transformado em personagem, atento às histórias que o cercam e já demonstrando interesse pela escrita, como “um observador atento aos fatos que queria captar” (FRANCO, 2011, p. 201).

Para além da ampliação da personagem de Baltazar Van Dum e da recriação ficcional de Cadornega, é relevante destacar também a presença da rainha Jinga como personagem, primeiramente representada de forma muito próxima ao texto de Cadornega. No entanto, no decorrer do romance, dado o lugar do narrador, que foi dado a Baltazar pela própria Jinga, “a rainha reaparece como a estrategista temida pelos portugueses, exaltada pelo narrador, que se mostra orgulhoso por já ter pertencido a ela” (FRANCO, 2019, p. 696).

Já em *A sul. O sombreiro* encontramos uma bibliografia apenas no final do livro, onde Pepetela afirma que foram utilizadas múltiplas fontes e destaca Cadornega mais uma vez, além dos volumes da Monumenta Missionária Africana, que ele chama de “verdadeira mina de estórias” (2011, p. 359). Não há referência anterior, como o prólogo de *A gloriosa família*, e o leitor é inserido diretamente na referência histórica através da primeira frase do romance: “Manuel Cerveira Pereira, o conquistador de Benguela, é um filho da puta” (2011, p. 7).

Embora o romance seja atravessado pela multiplicidade de narradores, adentramos a história a partir da perspectiva do franciscano Simão de Oliveira, personagem que, por si só, já permite refletir sobre a complexidade das relações e dinâmicas de poder envolvidas nos interesses coloniais. Simão de Oliveira é um sacerdote católico, porém de origem judaica, religião proibida na Península Ibérica desde o final do século XV, proibição que levou a migração/fuga de muitos judeus e descendentes, que, depois de batizados, passaram a ser chamados de cristãos-novos, para as colônias.

Sou sacerdote. De rito católico. A vida perigosa me fez assim. Talvez não o coração, mais de judeu. Entretanto, nestes pesados tempos dos bons reis Filipes de Espanha, quem quer ser judeu? Pior ainda, quem pode ser judeu? O meu prudente bisavô, de nascimento Jacob, mesmo antes de ser obrigado, mudou o nome de família para Oliveira e por isso me chamo Simão de Oliveira. Cristão novo, marrano, pois claro. Mas poucos o sabem. (PEPETELA, 2011, p. 7)



Espécie de rival de Manuel Cerveira Pereira, governador interino de Angola a partir de 1603, podemos observar por meio das tensões e conspirações de ambas as partes que, por exemplo, a ideia de unidade entre Estado e Igreja diante do propósito da colonização é uma imagem muito rasa. O romance de Pepetela mostra ainda a existência de conflitos dentro da própria Igreja, por meio das disputas entre as ordens religiosas. Na perspectiva do franciscano Simão de Oliveira, os jesuítas passavam a ocupar um lugar de destaque na formação de uma sociedade luandense: “De fato, a Companhia de Jesus começa a gozar de grande influência em Luanda, por formar as suas elites, quer dos brancos quer dos mulatos ou negros” (PEPETELA, 2011, p. 10).

Ao falar sobre a consulta aos volumes da Monumenta Missionária Africana, Pepetela revela que, entre relatórios escritos pelo próprio governador e cartas de religiosos sobre ele, foi possível perceber as disputas “pelo controle de territórios nas colônias, principalmente os franciscanos e os jesuítas” (PASCOAL, 2012, p. 53). O uso da fonte documental, nesse sentido, é extremamente importante para revisitar um passado colonial heterogêneo, de um território atravessado por conflitos e cisuras que partiam da própria dinâmica da colonização, afinal, os interesses individuais, as intrigas, a corrupção, não são uma invenção do presente e, obviamente, não podemos abordar as fraturas de uma Angola pós-independência sem refletir sobre a formação dos quadros sociais que compõem o território.

Linda Hutcheon, em *Uma teoria da adaptação* (2013), diz que “não considero acidental o uso da mesma palavra – ‘adaptação’ – em referência tanto ao produto quanto ao processo” (p. 29), e é desta forma que acreditamos que os romances de Pepetela devam ser lidos, compreendendo o processo de utilização da documentação e da historiografia, misturados também às histórias orais, para analisar o produto como uma obra literária contemporânea, sendo o processo permeado pela ideia de longa duração. Para Hutcheon, a adaptação seria:

Em primeiro lugar, vista como uma entidade ou produto formal, a adaptação é uma transposição anunciada e extensiva de uma ou mais obras em particular. [...] recontar a mesma história de um ponto de vista diferente. [...] Em segundo, como um processo de criação, a adaptação sempre envolve tanto uma (re-)interpretação quanto uma (re-) criação; dependendo da perspectiva, isso pode ser chamado de apropriação ou recuperação. Em terceiro, vista a partir da perspectiva do seu processo de recepção, a adaptação é uma forma de intertextualidade; nós experienciamos as adaptações (enquanto adaptações) como palimpsestos por meio da lembrança de outras obras que ressoam através da repetição com variação. (HUTCHEON, 2013, p. 29-30)

Também poderíamos pensar, em diálogo com o conceito de “longa duração”, o de “história conectada” de Sanjay Subrahmanyam “How might the local and specific have interacted with the supralocal in our terms?”<sup>6</sup> (SUBRAHMANYAM, 1997, p. 745), tendo em vista que Pepetela

6 “Como o local e o específico podem ter interagido com o supralocal em nossos termos?” (tradução nossa).

não se limita aos mitos e às narrativas orais, mas compreende que é necessário dialogar com o passado advindo da cultura colonial/colonizadora, interpretar sua escrita, compreender o seu momento de produção, até mesmo para parodiá-los.

Como abordam Linda Heywood e John Thornton (2013) no prefácio à reedição da obra do missionário capuchinho Giovanni Antonio Cavazzi de Montecucolo, apesar da visão demonizante e do discurso preconceituoso diante das práticas africanas, ainda assim a sua obra é um importante contributo para os estudos sobre a vida e os feitos da Rainha Njinga Mbandi, não só pelo fato de Cavazzi ter sido seu contemporâneo e confessor, mas especialmente pela sua preocupação católica com as práticas consideradas heréticas. Ou seja, os escritos de Cavazzi demonstram a sua significativa proximidade e quase obsessão em registrar tais práticas, mesmo que acompanhadas por adjetivos que hoje, obviamente, precisamos problematizar, sem, no entanto, descartar a fonte documental. Da mesma forma como José Luandino Vieira e Ana Paula Tavares defendem a leitura da obra de Cadornega como parte importante da história e da literatura angolana. Tais reflexões são relevantes também para a eliminação do equívoco de que só os colonizados eram atravessados (permeáveis) pela cultura imposta, como se os colonizadores fossem blindados por uma cultura superior e passassem ilesos à vida nas colônias. Como aponta Cristina Pompa:

Do ponto de vista antropológico, porém, é limitante pensar que os textos de missionários e viajantes não nos possam devolver nada além de informações sobre a cultura ocidental que os produziu. Eles podem também, se analisados com os devidos cuidados, contribuir à reconstituição da dinâmica pela qual o evento histórico da evangelização, portador da simbologia religiosa da Europa medieval e renascentista, foi reelaborado pelas culturas nativas a partir de suas próprias representações, ou seja, a dinâmica interna aos sistemas culturais indígenas, que tomaram e transformaram “para si” o que se apresentava como “outro”. (POMPA, 2003, p. 25)

Portanto, ao invés de simplesmente desconsiderar aquilo que foi produzido por uma mentalidade colonial, neste caso, na modernidade e não em pleno século XX, os textos de Pepetela ao adaptar a historiografia e as fontes documentais também permitem perceber o quanto os próprios colonizadores foram impactados pela vivência na colônia. Além de reintroduzir essas escritas em um debate contemporâneo, para pensar não só a relação colonizador x colonizado, mas as estruturas da nova nação que parecem ainda reproduzir práticas de administração e convívio de séculos anteriores. Dessa forma, é importante retomar o que Fernand Braudel entende por “estrutura”, como organização, como “uma coerência, relações bastante fixas entre realidades e massas sociais. Para nós, historiadores, uma estrutura é, sem dúvida, um conjunto, uma arquitetura, mas é mais ainda uma realidade que o tempo usa mal e veicula demoradamente” (BRAUDEL, 1965, p. 268).

Se as considerações de Braudel remetem às estruturas sociais e, a partir da ideia de “longa duração”, especialmente às formas como o tempo se relaciona com elas, para refletir sobre como os historiadores podem/devem ler o passado, a literatura pode sem dúvidas ir além. No caso do último romance de Pepetela *Sua excelência, de corpo presente*, publicado em 2018, a noção de tempo pode ser extrapolada. Ao encenar dinâmicas de poder a partir de um presidente já morto, mas que ainda tenta conduzir o futuro de uma nação, Pepetela amplia a perspectiva da longa duração, projetando um futuro insólito, como já havia feito por exemplo em *O quase fim do mundo* (2008). Dois romances que demonstram para além da longa duração também a preocupação em extrapolar o espaço angolano, já que as duas narrativas são ambientadas no continente africano, sem localização específica.

*Sua excelência, de corpo presente* mescla, por meio da narração em primeira pessoa, uma revisão do passado recente a partir da memória desse corpo já morto, a quem é possível contar os bastidores do jogo de poder que o fizeram chegar e se manter no topo. Ao corpo morto, mas ainda presente, é permitido narrar as práticas escusas da política, sem nenhuma espécie de pudor aparente, com a naturalidade de quem soube permanecer por décadas à frente de uma nação, mesmo que para isso tenha sido necessário usar chantagens e ameaças:

O espião e eu nos divertíamos a fazer partidas dessas a quem queríamos ter bem seguros, presos aos nossos cintos, de preferência embaixadores estrangeiros. Haverá melhor maneira para conseguir sempre relatórios favoráveis às nossas práticas e intenções? Se houvesse alguma reclamação de um governo, o embaixador estava fatalmente implicado, pelo menos as acusações tinham passado por ele. Ou deviam ter passado, obrigação própria do cargo. Era o momento de usar o que tínhamos plantado. Depois, tudo ficava entre nós, os amigos não lixam os amigos. Um exemplo simples: a propósito, aquele relatório sobre o acontecido no domingo me parece exagerado, não acha mesmo? Claro que eles enverdeciam, gaguejavam, como podíamos ter descoberto o relatório? Dali saíam a correr para corrigir o escrito ou ditado dias antes. As almas mal pensantes e ignorantes de assuntos de Estado chamam a isso chantagem. Ignorantes dos diferentes comércios. Apenas esquema de sobrevivência para um território fraco perante um rinoceronte enfurecido, incapaz de conter ímpetos assassinos. (PEPETELA, 2018, p. 57)

Portanto, o corpo que se faz presente mesmo morto traz reflexões sobre práticas que podemos igualmente encontrar nas narrativas sobre a sucessão no Império Lundu de *Lueji*, nas dinâmicas de negócios dos Van Dum em *A gloriosa família*, nas práticas de perseguição do governador e conquistador de Benguela em *A sul. O Sombreiro*. Portanto, demonstrando como Pepetela enxerga a necessidade de colocar em diálogo o corpo do presente, da nação angolana, com o corpo do passado, de um território costurado por interesses vários que se perpetuaram e se transformaram ao longo dos séculos.

No caso específico dos romances que dialogam com o passado colonial distante e das fontes utilizadas por Pepetela, ainda é relevante destacar que, além das fontes em si, importa questionar também o uso que foi feito delas durante o Estado Novo, por exemplo, com o intuito de reafirmar perspectivas como a do Acto Colonial de 1933. Exemplo desta questão é a edição organizada por José Matias Delgado de *A História Geral das Guerras Angolas*, de Cadornega, publicada pela Agência-Geral do Ultramar, em 1972. As notas da nova edição, publicada ainda durante o Estado Novo e em período de plena guerra, atualizam e interferem na recepção do texto que, embora escrito no século XVII, passa a atender assim prismas específicos do século XX. Portanto, a atualização dessas fontes, ou a adaptação se quisermos recorrer novamente às reflexões de Hutcheon, podem ser traiçoeiras se a leitura não levar em consideração o contexto original de produção, especialmente quando confrontamos os períodos moderno e contemporâneo. O que nos leva aos perigos sobre a memória anunciados por Todorov (2002), as discussões sobre “documento e monumento” de Le Goff (2013) e a ressalva de Benjamin:

Em cada época é preciso tentar arrancar mais uma vez a tradição ao conformismo que quer apoderar-se dela. [...] O dom de atirar através do passado a chama da esperança pertence apenas ao historiógrafo perfeitamente convencido que diante do inimigo, e no caso deste vencer, nem sequer os mortos, estarão em segurança. E este inimigo não tem cessado de vencer. (BENJAMIN, 1992, p. 160)

Em tempos em que as disputas por narrativas e por memórias estão cada vez mais acirradas, não é dispensável destacar que a melhor saída não é o apagamento daquilo que nos incomoda ou agride na história do passado. Trazer temas, episódios, personagens, ao embate com as reflexões atuais, e problematizar o passado dentro do seu tempo, parece ser o caminho escolhido por Pepetela para escrever (inscrever) Angola na longa duração, ampliando a perspectiva para “desconstruir essa fala que se pretende hegemônica [...]. Por isso é também relevante perceber a importante relação entre estética e ética, já que não se trata de uma simples evocação de outro tempo como referente” (FRANCO, 2019, p. 214-215).

Assim, diferentemente de muitas abordagens que apontam a escrita/leitura a contrapelo como uma versão do colonizado, entendemos que, ao olhar a história pela perspectiva da longa duração, Pepetela amplia a complexidade das diferentes versões, das interpretações sobre o território, afastando-se da dicotomia colonizador x colonizado. Ao investigar e reencenar os séculos XVI/XVII, Pepetela apresenta não apenas a multiplicidade étnica recorrentemente anunciada sobre o território angolano, mas a multiplicidade de estratégias de colonização, a multiplicidade que compõe o elemento colonizador, que não é visto como um corpo homogêneo como o discurso do próprio colonizador e as visões construídas a partir do centro gostariam.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução: Vinicius Nicastro Honesco. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. **The Empire Writes Back**. New York: Routledge, 2010.

BENJAMIN, Walter. Teses sobre a filosofia da história. *In: Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*. Lisboa: Relógio D'Água, p. 157-170, 1992.

BRAUDEL, Ferdinand. História e Ciências Sociais. A longa duração. Tradução: Ana Maria de Almeida Camargo. **Revista de História**. Vol. XXX, no. 62, p. 261-294, 1965.

CADORNEGA, António de Oliveira de. **História geral das guerras angolanas**. 1680- 1681. (Anotado e corrigido por José Matias Delgado). Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1972. 3 Tomos.

CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

FERREIRA, Manuel. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. Amadora: Bertrand Venda Nova, 1977.

FRANCO, Roberta Guimarães. “História e literatura, real e ficcional em *A gloriosa família, o tempo dos flamengos*”. *In: MAGALHÃES, José Sueli de et al. (orgs). Literatura e intersecções culturais*. Uberlândia: EDUFU, 2008, p. 1472-1476.

FRANCO, Roberta Guimarães. Conquista e resistência na “História Geral das Guerras Angolanas”, de António de Oliveira de Cadornega. **XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia**. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, p. 1-11 2013.

FRANCO, Roberta Guimarães. O não lugar de António Oliveira de Cadornega na literatura angolana e a sua recriação no romance de Pepetela. *In: FRANCO, Roberta Guimarães; MELONI, Otavio Henrique; KANO, Ivan Takashi (org.). A mesma palavra outra: ensaios sobre literatura portuguesa e literaturas africanas de língua portuguesa*. Niterói: Vício de leitura, p. 189-206, 2010.

FRANCO, Roberta Guimarães. **Memórias em trânsito: deslocamentos distópicos em três romances pós-coloniais**. São Paulo: Alameda, 2019.

FRANCO, Roberta Guimarães. Njinga Mbandi: do silêncio histórico às recriações ficcionais contemporâneas. **Matraga**. Rio de Janeiro, v. 26, n. 48, p. 688-704, set./dez. 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEYWOOD, Linda; THORNTON, John. Prefácio. CASTRO, Xavier de; D'ABZAC, Alix du Cheyron (org.). **Njinga - rainha de Angola. A relação de Antonio Cavazzi de Montecucolo (1687)**. Tradução: Inês Guerreiro. Lisboa: Escolar Editora, p. 1-19, 2013.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Tradução: André Cechinel. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão [*et al.*]. 7. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

NEVES, António Loja. Entrevista “Nós procuramos a utopia”. *Expresso*, p. 85-87, 17 nov. 1990.

NOA, Francisco. Literatura colonial: enquadramento teórico e periodológico. *In: Império, mito e miopia: Moçambique como invenção literária*. Lisboa: Caminho, p. 39-83, 2002.

PASCOAL, Janaína. Entrevista “A cor e o poder na Angola do século XVII”. **Revista Veja**, 23 de maio de 2012.

PEPETELA. **Lueji, o nascimento de um Império**. Alfragide: Dom Quixote, 2003.

PEPETELA. **A gloriosa família: o tempo dos flamengos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

PEPETELA. **A sul. O sombreiro**. Alfragide: Dom Quixote, 2011.

PEPETELA. **Sua excelência, de corpo presente**. Alfragide: Dom Quixote, 2018.

POMPA, Cristina. **Religião como tradução: missionários, Tupi e Tapuia no Brasil colonial**. Bauru: EDUSC, 2003.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. Connected Histories: Notes towards a Reconfiguration of Early Modern Eurasia. **Modern Asian Studies**. Cambridge, vol. 31, n. 3, p. 735-762, jul. 1997.

TAVARES, Ana Paula. Contar Histórias. *In*: PADILHA, Laura Cavalcante; RIBEIRO, Margarida Calafate (orgs). **Lendo Angola**. Porto: Edições Afrontamento, p. 39-50, 2008.

TODOROV, Tzvetan. **Memória do Mal, Tentação do Bem: indagações sobre o século XX**. Trad. Joana Angélica D'Ávila. São Paulo: Arx-C, 2002.

VIEIRA, José Luandino. Literatura Angolana: estoriando a partir do que não se vê. *In*: PADILHA, Laura Cavalcante; RIBEIRO, Margarida Calafate (orgs). **Lendo Angola**. Porto: Edições Afrontamento, p. 31-37, 2008.